

## Psichê

*J. Roberto Whitaker Penteado*

Passar pela Rua Gabriel Monteiro, em SP faz-me lembrar dos meus avós, que lá moraram durante mais de 40 anos, e quando a única loja da rua era o empório do seu Manuel, na esquina. Lembrar dos meus avós fez-me lembrar de coisas que eles diziam e que ninguém diz mais - nem entende. No espaço de uma vida, muitas das expressões que usávamos quando garotos tornaram-se obsoletas, especialmente as gírias e os modismos. Quem se atreve a usar, hoje em dia, palavras como brotinho, sassaricar ou - mesmo - é uma brasa, mora?!

Meus avós diziam essas coisas que não se dizem mais, a começar por empório, que virou mercearia e - naquele tempo - gerava debate com os cariocas, que preferiam armazém. Havia a Loja dos 2 Mil Réis, na cidade e que virou Americanas, hoje também quase obsoletas. É que a Woolworths - que lhes deu origem - chamou-se 5-and-10-Cent Store. Nas ruas passavam os bondes-camarão, que assim se chamavam porque eram fechados e pintados de vermelho. Alguns carros usavam gasogênio - uma forma de transformar carvão em combustível, que surgiu na Guerra (segunda). No céu - que eram espetados por arranha-céus, como o Martinelli - trafegavam os aeroplanos; enquanto no mar zarpavam os vapores. As pessoas iam aos piqueniques, levando seus farnéis, no fim de semana e as mulheres não podiam esquecer suas sombrinhas. Havia que tomar cuidado com as perigosas taturanas, que queimavam.

Mas era dentro de casa, naturalmente, que para mim - garoto - o mundo era povoado por objetos agora nostálgicos. Nas refeições nunca faltava groselha, da marca Dubar. O principal móvel da sala de jantar era a cristaleira - mais importante do que a etagère, embora menos usada, e - na sala de visitas - reinava, soberana, uma moderna radio-vitrola Philips. Nela, quando não estávamos ouvindo os discos de Carmen Miranda ou Carlos Gardel, ouvíamos as notícias na rádio Kosmos, lidas pelo meu pai - que era espíquer - ou speaker. Como nas transmissões esportivas o goleiro era golquíper. E ainda havia beques e halfes. Meu avô recebia, pela manhã, a Gazeta - um matutino, pois havia, à tarde, os vespertinos. E lia-os usando o seu pince-nez. A criada limpava as coisas com um espanador.

No andar de cima do sobrado onde moravam, os quartos continham mais objetos fantásticos. Em baixo da cama, à noite, havia urinóis, herança dos tempos de fazenda, pois já havia banheiros equipados. Através da janela, ouvia-se o apito dos grilos, que eram os guardas noturnos (municipais). Ao lado das camas, os criados-mudos. Meu avô tinha, na sua cômoda, ceroulas, que usava no inverno. E minha avó se fazia bonita diante da penteadeira, usando os únicos três produtos que a ajudavam nesse mister: baton, rouge e pó-de-arroz. Para meu avó, quando teve cabelo, bastava brilhantina.

Só que penteadeira - descobrí - era um termo novo, usado pelos meus pais. O que minha avó dizia, mesmo, era psichê, pronunciado assim mesmo: pi-si-xê. Lembrei disso lembrando essas coisas - é como funciona a nossa mente, que hoje também chamam de psíque. Mas o velho psichê era uma penteadeira mais formal, que o Aurélio define como "móvel de toucador, com grandes espelhos e muitas gavetas". O termo era francês e originou-se, de fato, no nome da princesa Psichê, por quem se apaixonou Cupido, na mitologia antiga.

Mas essa já é outra história.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Psichê. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, set. 2003. Disponível em <http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=360&ID=172>. Acesso em: 30 mar. 2010.